

São Paulo 2016

© – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo

Rua da Praça do Relógio, 160 – Anexo – sala 01

05508-050 – Cidade Universitária – São Paulo/SP – Brasil

Tel.: (11) 3091.3327

e-mail: pgeha@usp.br www.usp.br/pgeha

Depósito Legal – Biblioteca Nacional

Agência Brasileira do ISBN

ISBN978-85-7229-072-2



Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Lourival Gomes Machado do
Museu de Arte Contemporânea da USP

Simpósio Internacional Espaços da Mediação (3., 2016, São Paulo.)

Espaços da mediação : A arte e suas histórias na educação / organização Carmen Aranha, Rosa Iavelberg. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2016.

321 p. ; il.

ISBN 978-85-7229-072-2

1. Arte-educação. 2. História da Arte. 3. Estética (Arte).
I. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Estética e História de Arte. II. Aranha, Carmen S.G. III. Iavelberg, Rosa.

CDD – 700.7

Capa: Ismael NERY. *Figura Surrealista com Personagem Masculino Deitado*. [s.d.]. Nanquim e grafite s/ papel, 21,8 x 16,4 cm. Acervo MAC USP

Capa e contracapa: Projeto gráfico: Elaine Maziero

Diagramação: Roseli Guimarães

Produção editorial e Diagramação: Paulo Marquezini

Organização: Carmen S. G. Aranha e Rosa Iavelberg

A presente documentação é um desdobramento do III Simpósio Internacional Espaços da Mediação: A arte e suas histórias na educação, realizado nos dias 29 de agosto a 1 de setembro de 2016 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo.

Famílias em tempo de ócio no museu de arte: Formação de hábitos culturais de crianças e adolescentes

ANDREA ALEXANDRA DO AMARAL SILVA E BIELLA¹

Apresentação

Este artigo tem como base os dados obtidos na pesquisa “Famílias no Museu de Arte: lazer e conhecimento: um estudo sobre o programa educativo Interar-te do MAC USP”², sob orientação da Prof^a Dr^a Rosa Iavelberg, apresentada como dissertação de mestrado ao programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 2012.

¹ **Andrea Alexandra do Amaral Silva e Biella** é Doutoranda em Educação (ingresso em 2014) e Mestra em Educação (2012) pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), é Especialista pela mesma Universidade em Ensino, Arte e Cultura (ECA, 1999) e Monitoria em Artes (MAC, 2000). É Licenciada (licenciatura plena, 1994) e Bacharel (1995) em Educação Artística/Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas, tendo sido bolsista do CNPq (Iniciação Científica). Integra os Grupos de Pesquisa (CNPq) Mediação Cultural (Universidade Presbiteriana Mackenzie), Formação de Educadores em Arte (USP) e Acessibilidade em Museus (USP). É educadora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo desde 2006, onde coordena programas educativos a diferentes públicos (famílias, inclusão socioeducativa e cultural, professores e educadores). Lecionou no ensino superior e na educação básica, além de ter atuado como educadora em ONGs e instituições culturais (Instituto Itaú Cultural, 27^a e 28^o Bienais de SP, Museu Lasar Segall).

² A dissertação “Famílias no Museu de Arte: lazer e conhecimento: um estudo sobre o programa educativo Interar-te do MAC USP”, sob orientação da Prof^a Dr^a Rosa Iavelberg, pode ser consultada no sítio eletrônico: www.teses.usp.br.

Dados deste trabalho também foram apresentados e publicados no II Simpósio Espaços da Mediação (PGEHA USP, São Paulo-SP, 2013) e no II Congresso Internacional da Federação de Arte/Educadores e XXIV Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil (ConFAEB, Ponta Grossa-PR, 2014). Nesta edição, a inserção de dados qualitativos complementa as versões anteriores, dando-se mais voz aos entrevistados quando da análise dos resultados.

Introdução

Na pesquisa que pauta o artigo, investigou-se o que levou os adultos da amostra a buscarem atividades num museu de arte nos momentos de lazer com a sua família atual. Foram verificadas as influências da família de origem (pais e irmãos dos entrevistados) na formação de seus próprios hábitos de visitação a exposições de artes visuais e no contato com programações culturais em geral, assim como da escola de educação básica; de experiências sociais da vida adulta e a incidência de visitas destes adultos a exposições de arte com e sem a sua família.

Dado que o setor educativo de um museu pode contribuir para a iniciação do conhecimento sobre artes visuais pelo público em geral, não especializado, promovendo experiências e auxiliando-o na construção de repertório, foi selecionado para a investigação, como estudo de caso, o programa educativo Interar-te do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. No Interar-te, uma das condições de participação é que esteja presente a família, compreendida como um adulto com o qual o menor tenha vínculos, sejam ou não de parentesco, mas sim afetivos e de cuidados.

Referencial teórico

O papel da família é essencial para que seus membros, principalmente crianças e adolescentes, vislumbrem possibilidades de lazer, que será nomeado como ócio diante dos autores selecionados para esta discussão. Puig e Trilla (2004, p.126) afirmam que “os hábitos que a família construirá sobre essas atividades costumam ser de grande importância para os filhos e para satisfação futura que encontrarão no tempo livre”; e citam o sociólogo Pierre Fougeyrollas³: “a família e a escola são as duas instituições fundamentais para a custódia da infância. A família, além de unidade econômica, afetiva, social, etc., constitui uma comunidade de ócios” (apud PUIG & TRILLA, 2004, p.56); a “maior parte da atividade de tempo livre infantil transcorre no meio familiar. Tanto no que se refere aos ócios cotidianos como aos semanais e anuais (fins de semana, férias, etc.), a família era a instituição que determinava sua forma e conteúdo” (PUIG & TRILLA, 2004, p.57). Apesar disso, os autores apontam mudanças nesse panorama, dadas as características comentadas serem consideradas mais próximas do cotidiano das famílias nucleares; eles afirmam que atualmente, em lares de centros urbanos, há a delegação parcial dessa responsabilidade a instituições como brinquedotecas, clubes infantis e colônias de férias, mas sem descaracterizar a importância da família na formação e educação de crianças e jovens (PUIG & TRILLA, 2004, p.19).

Para o estudo, foram compreendidos como famílias os grupos nos quais o vínculo entre seus membros é estabelecido pela qualidade da relação entre eles e não pelo parentesco consanguíneo (SARTI, 2009, p.85-86). Ou seja, a existência de diferentes arranjos familiares ressalta a importância de atividades de ócio de maior qualidade e o papel dessas atividades na promoção de integração dos novos agrupamentos.

³ FOUGEYROLLAS, P. La familia, comunidad de ócios. In: DUMAZEDIER, I. e outros: **Ocio y sociedad de classes**. Barcelona, Fontanella, 1971, pp.167-182.

No contexto do programa educativo Interar-te, sempre foram considerados como familiares os agrupamentos de adultos com crianças e/ou adolescentes, independentemente do grau de parentesco, sendo prioridade os seus vínculos afetivos.

Para discorrer sobre as atividades das famílias em seus momentos de lazer, dentre elas a frequência de museus de arte, é preciso recorrer a autores que estudam o ócio. Puig e Trilla (1996) ressaltam que ócio e trabalho sempre estiveram presentes nas sociedades humanas, como fato social e objeto de reflexão, e que o significado dessa relação, que também é uma elaboração humana, acompanha as diferenças e semelhanças entre essas sociedades em cada época.

Cientes dessa diversidade, optamos por apontar concepções e considerações mais recentes acerca dessa relação, no intuito de fornecer subsídios ao contexto no qual o objeto de pesquisa foi inserido; podemos dizer que trataremos o objeto sob a ótica da problemática moderna do ócio pós-Revolução Industrial e no âmbito de países ocidentais de organização econômica capitalista.

O fenômeno do ócio implica sempre um marco temporal. Distinguimos e opomos o tempo que dedicamos ao trabalho do tempo livre. O ócio supõe a liberação das obrigações do trabalho e a disponibilidade pessoal do tempo. Mas o ócio não é sinônimo de tempo livre. O tempo livre é unicamente uma condição necessária, mas não suficiente. Muitas vezes, utilizam-se equivocadamente ambos os termos com sentidos equivalentes.

O ócio requer e se configura também a partir de outro tipo de condições. Cria-se uma situação de ócio quando o homem, durante seu tempo livre, decide e gestiona livremente suas atividades, obtém prazer e satisfaz necessidades pessoais, como descansar, se divertir ou se desenvolver. (PUIG & TRILLA, 2004, p.21)

Essa definição é aproximada à do sociólogo francês Joffre Dumazedier, embora já revista por ele próprio, quando diz que:

(...) o ócio é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode se dedicar de maneira totalmente voluntária, seja para descansar, se divertir, desenvolver sua informação ou sua formação desinteressada, sua participação voluntária, após se libertar de obrigações profissionais, familiares e sociais. (PUIG & TRILLA, 2004, p.36)

Das relações existentes entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho, dedicado às atividades livres e ao ócio, ressalta-se que ócio não é sinônimo de tempo livre; o tempo é uma das indicações dele, mas não a determina. No tempo do não-trabalho há a dedicação a outras obrigações: as “paraprofissionais” (o tempo gasto no transporte é um exemplo), familiares, religiosas e políticas. Estes dois últimos fatores são questionados por alguns autores, porém se configuram como momentos de menor disponibilidade pessoal e não serão considerados como momentos de ócio dada a perspectiva acima citada, da qual compartilharemos.

Deste modo, além da distribuição do tempo, somam-se outros fatores quando da caracterização do ócio: a atitude com a qual se vive o tempo, a liberdade de escolha e a forma pela qual se pratica o que se escolhe. Outro aspecto importante é a satisfação de necessidades pessoais durante as atividades do tempo livre, como a de se desenvolver, que corresponde ao ócio ativo. Nesse sentido, o tempo livre pode ser utilizado para o aprimoramento pessoal em áreas de interesse. Mas, em que medida numa sociedade com forte influência dos meios de comunicação de massa, as escolhas das atividades com o propósito do entretenimento são realmente livres, partem do interesse pessoal ou são desvinculadas do consumo alienado?

O ócio era considerado um tempo antieconômico, já que não facilitava o acúmulo de capital. Essas opiniões foram mudando lentamente conforme o tempo livre foi se impondo como uma realidade social e adquirindo uma função econômica nova e mais positiva. O aumento do tempo livre começava a significar um considerável aumento do tempo de descanso dos trabalhadores. Ou seja, adquiria utilidade econômica, pois favorecia uma melhora nas condições de vida e força de trabalho. Além disso, numa etapa superior, o tempo livre servirá também para melhorar a capacitação profissional dos trabalhadores. Portanto, como descanso ou formação pessoal, o tempo livre começa a ser apreciado pelos economistas. Finalmente, com a chegada das sociedades de consumo massivo, como defende e apregoa o primeiro Riesman, o ócio adquire um novo sentido, enquanto tempo liberado da produção e disponível para o consumo. Consumo que, além de cumprir a função social de adaptação às

novas necessidades, estimula também o desenvolvimento das forças produtivas. A obra de Riesman representa o reconhecimento definitivo dessa função do ócio. (PUIG & TRILLA, 2004, p.31)

Diante de problemas socioeducativos presentes na última década do século XX, como os decorrentes das tecnologias de informação, da desigualdade de disponibilidade temporal, da crise socioeconômica e os graves problemas de desemprego e reorganização administrativa e de produção, das alterações nas relações sociais de trabalho, além do crescimento populacional e aumento demográfico da terceira idade, da fome, dos estados de guerra e pré-guerra, da violência e da dependência de drogas, o pedagogo espanhol Alexandre Sanvisens i Marfull (PUIG & TRILLA, 2004, p.11) indaga: que tipo de educação se requer para ocupar adequadamente o tempo disponível e focar conveniente preparação técnica e humana diante do futuro? E afirma: a educação tem um papel ecológico a cumprir.

Com vistas ao quadro apresentado, que em grande parte pode ser estendido ao panorama do início do século XXI, qual seria o papel da educação no tempo de ócio?

Os trabalhos carentes de responsabilidade e iniciativa, além do desgaste psíquico que provocam, costumam conduzir a ócios passivos, consumistas e padronizados. Por outro lado, a influência do trabalho no ócio expressa-se também na forma como as diferenças profissionais marcam as atividades e costumes de ócio. Os ócios não fazem desaparecer a divisão do trabalho nem a diferença de meios econômicos. As diferenças culturais e de iniciativa pessoal tampouco se alteram significativamente no ócio. Por último, mesmo que menos importante, a idade ou o local de moradia são traços diferenciais que também se manifestam no ócio. Por todos esses motivos, parece lógico defender a tese da influência do mundo profissional no tempo livre. (PUIG & TRILLA, 2004, p.34)

Dado que na amostra de adultos selecionados para a pesquisa essa premissa pode ser comprovada, como veremos adiante, podemos dizer que o papel da educação pela família é ratificado na ampliação do leque de opções de ócio, pois as referências da família de origem (ROMANELLI, 1986) podem influenciar no repertório de opções

que ficariam estagnados por motivos de demandas de trabalho e do tempo livre.

O sociólogo francês Georges Friedmann (apud PUIG & TRILLA, 2004, p.33) afirma que, em uma metrópole com o ritmo de vida acelerado como São Paulo – grande parte da população empregada em trabalhos psiquicamente desgastantes, os apelos da indústria cultural que promove o consumo de produtos com fim em si e que não investem na formação dos consumidores –, temos um cenário que pode alimentar a alienação, o trabalho não criativo, mecânico, repetitivo e fragmentado. Nesse cenário, ações que proporcionem “ócios de mais qualidade” são de vital importância. Deste modo cremos ser necessário refletir como o lazer é afetado pela programação cultural numa sociedade de massa, onde a mídia tem forte poder de influência sobre as opções das famílias. Qual a relação entre lazer e consumo de eventos, produtos da indústria cultural?

É preciso construir uma sociologia do ócio que considere os problemas práticos enfrentados em todos os níveis quando se quer aplicar um projeto de democratização social e cultural. Dumazedier pensa que o tempo de ócio é idôneo para desenvolver planos de ação sociocultural destinados a fazer compreender, recriar e criar cultura: fazer do ócio um tempo de educação. (PUIG & TRILLA, 2004, p.38)

Ao encontro dessas reflexões acerca da ampliação do conceito de educação, Puig e Trilla discutem que houve ampliação tanto “*vertical*”: considerava-se a infância e a juventude etapas quase exclusivas da ação educativa, mas se passou a entender que a pessoa pode ser educada durante toda a sua existência”, como:

horizontal: não apenas escola e família são agentes educativos, mas se educa a partir de muitas outras instituições, meios e âmbitos que nem sempre são reconhecidos como especificamente educativos: trata-se dos conceitos de educação informal, educação não-formal e outros paralelos ou similares, que ultrapassam os limites do que, antes, era considerado educação. (PUIG & TRILLA, 2004, p.58).

O museólogo Marcelo Araújo, corrobora com a ideia ao comentar para quem se fazem museus:

Os museus existem para a população como um todo. Essa é uma visão fundamental, que os museus devem ter hoje em dia. O museu tem que ser voltado à toda a sociedade. No entanto, estamos falando de segmentos que são absolutamente diferenciados em termos de formação e de necessidades, o que nos leva, entrando em questões mais técnicas, à busca de ações específicas para esses diferentes públicos, seja do ponto de vista das necessidades, da faixa etária, da formação e da compreensão. Mas se o museu não tiver essa visão e não se preparar para isso, ele corre um altíssimo risco de se isolar e perder a sua função social. (GROSSMANN & MARIOTTI, 2011, p. 139)

Nessa esteira de pensamentos, a importância social dos setores educativos dos museus e instituições culturais é evidenciada. Se apenas adentrar um museu não é garantia do acesso a uma experiência estética de qualidade ou à fruição dos bens patrimoniais que ali se apresentam, é preciso buscar elementos que ajudem esse acesso, tais como: reconhecer este espaço; sentir necessidade de entrar para usufruir do que ali é apresentado sob a forma de exposições e ações para o público; ver sentido em estar nesse lugar, ver-se ali representado, por questões de identidade ou de alteridade; sentir-se desafiado a duvidar e a conhecer; e sentir-se confortável, ter uma estada prazerosa e, por que não?, divertir-se. O que não se pode permitir é que o visitante, principalmente aquele que não tem o hábito, tenha a sensação de exclusão num mar de construções museológicas e museográficas que fazem o não frequentador assíduo se perceber diminuído e desqualificado e que ao invés de motivá-lo em buscar conhecimento pode torná-lo incapaz de se interessar-se por essa parcela da cultura de seu povo.

Deve-se, portanto, considerar a qualidade da relação do indivíduo com objetos e com um espaço que o desloca do mundo exterior e que, por isso mesmo, pode ou não promover uma experiência que o estimule a questionamentos, ao conhecimento e à fruição estética.

A fruição da arte não é imediata, espontânea, um dom, uma graça. Pressupõe um esforço diante da cultura. Para que possamos emocionar-nos, palpitar com o espetáculo de uma partida de futebol, é necessário conhecermos as regras desse jogo, do contrário tudo nos passará despercebido, e seremos forçosamente indiferentes.

(...). A arte, no entanto, exige um conjunto de relações e de referências muito mais complicadas. Pois as regras do jogo artístico evoluem com o tempo, envelhecem, transformam-se nas mãos de cada artista. Tudo na arte – e nunca estaremos insistindo bastante sobre esse ponto – é mutável e complexo, ambíguo e polissêmico. Com a arte não se pode aprender “regras” de apreciação. E a percepção artística não se dá espontaneamente. (COLI, 1990, pp.115-116)

O setor educativo de um museu pode contribuir para a iniciação do conhecimento sobre artes visuais pelo público em geral, não especializado, promovendo experiências e auxiliando-o na construção de repertório. Na programação educativa oferecida no Interar-te acredita-se que ensinar arte pode favorecer o alargamento de experiências estéticas: a compreensão dos códigos do mundo da arte podem facilitar a fruição da natureza, do cotidiano, das construções humanas, assim como da própria arte, e também reverberar na política, no comportamento, nos modismos, no consumo.

Neste sentido, a formação do hábito de frequência de museus de arte é determinada pelo significado que os sujeitos atribuem à experiência o museu; afinal, se memória é aquilo que se seleciona dos acontecimentos, então, mesmo que por muitos anos uma pessoa fique sem voltar a realizar uma atividade em sua vida, ela pode vir a retomá-la. O psicólogo húngaro Mihaly Csikszentmihalyi (1999, p. 25) aponta que “(...) embora o que fazemos todo dia tenha muito a ver com o tipo de vida que levamos, o modo como experimentamos o que fazemos é ainda mais importante”. Assim, uma memória positiva, afetiva, de uma experiência de qualidade no museu pode favorecer o hábito em frequentar tais instituições, em detrimento de experiências nas quais as pessoas sentem-se excluídas, despreparadas ou desconsideradas como público estimado em uma instituição. A

qualidade da experiência no museu é fator importante para o acesso voluntário continuado de frequência de exposições pelo público, ou seja, na criação desse hábito.

Metodologia

Para a pesquisa foram entrevistadas as famílias que frequentaram o programa Interar-te do MAC USP⁴ por mais de uma vez no período de seu início até o fim da gestão de diretoria na qual foi criado, ou seja, outubro de 2006 a abril de 2010. O programa é oferecido mensalmente aos sábados nos meses de janeiro a novembro. O foco das propostas são as obras em exposição no Museu, cuja abordagem inclui uma atividade prática ou reflexiva, na qual todos familiares são envolvidos. A participação dos adultos é variada: às vezes são assistentes dos menores, ora parceiros na produção, na qual o momento final de socialização promove aproximações e conhecimento recíproco fora do contexto cotidiano, estreitando seus vínculos.

Das 103 famílias presentes nas 43 programações oferecidas no período delimitado para estudo, 18 participaram do Interar-te mais de uma vez e formaram os agrupamentos selecionados como amostra. Destas, 12 responderam ao chamado de participação da pesquisadora.

Dos 12 agrupamentos familiares entrevistados obteve-se depoimento de 13 adultos, 9 crianças com idade entre 5 e 11 anos e 6 jovens com idade entre 13 e 20 anos; 17 crianças e jovens participaram mais de uma vez do Interar-te no período estudado; dos quais 15 foram entrevistados. Entre os adolescentes, alguns já estavam com idade entre 18 e 20 anos à época da entrevista.

A maioria destas famílias residia próximo ao bairro do Museu: 58,3% até 6 km de distância, 8,3% de 6 a 12 km. Destas, 84% utilizaram como meio de transporte veículo particular; 8% veículo próprio ou a pé, 8% transporte público. O índice de classificação

⁴ O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, criado em 8 de abril de 1963, é um museu universitário e público.

econômica utilizado apontou que 75% correspondia à classe A e 25% à classe B.

Os eixos centrais da pesquisa foram investigar: 1. a origem do contato dos adultos desses agrupamentos familiares com a arte em geral, se estaria nos hábitos das famílias de origem ou em experiências da vida escolar ou adulta; 2. se os adultos entrevistados estavam proporcionando conhecimento em artes visuais e a formação de hábito de frequência a exposições de arte às crianças e jovens nas atividades conjuntas de lazer que lhes proporcionam e 3. se o programa Interar-te do MAC USP contribuiu na promoção do conhecimento sobre artes visuais e proporciona a formação de hábitos de frequência a instituições culturais.

Estas três questões centrais foram distribuídas nos instrumentos de investigação e na coleta de dados junto às famílias, ou seja, nas entrevistas semiestruturadas com adultos, crianças e jovens e, com as crianças até 12 anos, desenhos como estratégia de apoio. Também foram entrevistados os educadores assistentes da equipe e a diretora do Museu no período.

Resultados e análise

Serão tratados aqui os dados coletados referentes aos dois primeiros eixos supra citados. Demais informações podem ser consultadas, na íntegra, na pesquisa disponível em sítio eletrônico cujo endereço foi indicado na introdução do artigo.

Das 23 atividades de lazer citadas da infância e adolescência dos 13 entrevistados adultos, a de cunho artístico-cultural mais recorrente foi o cinema (30,4%). Depois apontaram assistir TV (13%), ir ao teatro (13%), à biblioteca (4,3%), ouvir música (8,7%), visitar exposições (8,7%) e ir a espetáculos de dança (4,3%). Mais informações no quadro a seguir.

Atividades de lazer citadas nos depoimentos	Nº de vezes	%*
Relacionadas à realização na residência:		
1. Brincar	9	39,1
2. Assistir TV	3	13,0
Relacionadas a locais externos à residência, na mesma cidade:		
1. Ir ao circo	1	4,3
2. Ir ao zoológico	1	4,3
3. Ir ao cinema	7	30,4
4. Ir a exposições; ir ao museu	2	8,7
5. Ir ao teatro	3	13,0
6. Ir à biblioteca	1	4,3
7. Visitar parentes	2	8,7
8. Ir ao shopping	1	4,3
9. Ir ao clube, ao parque (municipal); ir ao bosque	4	17,4
10. Andar de bicicleta	1	4,3
11. Ir ao baile	1	4,3
12. Ir a espetáculo de dança	1	4,3
13. Ir a feiras de artesanato/arte popular	1	4,3
14. Frequentar cursos de atividades esportivas	1	4,3
15. Frequentar cursos de línguas estrangeiras	1	4,3
Relacionados a outras cidades (viagens):		
1. Ir à praia	4	17,4
2. Ir à casa de familiares	4	17,4
3. Outras, visando conhecimento de novos lugares	2	8,7
Outras:		
1. Ler	1	4,3
2. Ouvir música	2	8,7
3. Escrever jornalzinho	1	4,3

Quadro 1: Atividades de lazer dos 13 adultos na infância e na adolescência, por categoria (local de realização). * Porcentagem calculada a partir do número (23) de atividades de lazer comentadas pelos entrevistados.

Os responsáveis pela condução a estas atividades relacionadas às artes em geral, foram apontados pelos entrevistados como sendo tanto a família (61,7%) quanto a escola de educação básica (61,7%; como citaram uma ou ambas as referências, o valor indicado foi obtido ao serem contabilizados separadamente). Os 8 adultos (61,5% dos entrevistados) que se referiram à influência da escola em sua iniciação à frequência de atividades artístico-culturais destacaram aulas de literatura e saídas para o teatro; 2 pessoas (15,4%) citaram o contato, nessa época, com as artes visuais e apenas um dos entrevistados apontou a visita a museus em atividades curriculares extraclasse. Acerca dos que indicaram a condução às atividades de cunho artístico por familiares, 25% apontou ser pela mãe, 25% pelo pai, 25% por pai e mãe, 25% pelos irmãos mais velhos e 12,5% por irmãos mais velhos e pai.

Estes dados nos permitem afirmar que a família de origem⁵ exerceu influência significativa nos hábitos culturais dos adultos entrevistados. Este levantamento refere-se ao contato inicial com as artes, mas sabe-se que a formação de hábitos culturais artísticos está relacionada à continuidade do contato e da frequência e, certamente, outras pessoas estão implicadas.

O segundo eixo da pesquisa referiu-se às artes visuais e à atuação dos adultos na formação de hábitos culturais de sua família atual. Para tal, foi realizada investigação do lazer dos adultos à época. Foram obtidas as informações que constam do quadro a seguir:

⁵ Pais e irmãos de uma pessoa; em geral, refere-se à família nuclear original de um adulto. (NICHOLS & SCHWARTZ, 1998, p.486)

Atividades de lazer citadas nos depoimentos	Nº de vezes	%*
Relacionadas à realização na residência:		
1. Cozinhar	1	5,3
2. Assistir TV	1	5,3
Relacionadas a locais externos à residência, na mesma cidade:		
1. Ir a restaurante	1	5,3
2. Praticar esportes	2	10,5
3. Ir ao clube, parque ou bosque	4	21,1
4. Ir ao shopping	1	5,3
5. Visitar parentes	1	5,3
6. Ir a espetáculos musicais	4	21,1
7. Ir ao cinema	10	52,6
8. Ir ao teatro	3	15,8
9. Ir a festas populares	1	5,3
10. Ir à livraria	1	5,3
11. Visitar exposições; ir ao museu	7	36,9
12. Frequentar cursos de atividades esportivas	1	5,3
13. Frequentar cursos de línguas	1	5,3
Relacionadas a outras cidades (viagens):		
1. Ir pescar	1	5,3
2. Turismo em geral	1	5,3
Outras:		
1. Ler	1	5,3
2. Ouvir música	1	5,3

Quadro 2: Atividades de lazer dos 13 adultos na época da entrevista, por categoria (local de realização).

* Porcentagem calculada a partir do número de adultos entrevistados: 13. Observa-se que alguns apontaram mais de uma atividade, totalizando 19 atividades (número correspondente a 100%).

No quadro acima pode-se verificar a diversidade de tipos de lazer, incluindo as de “ócio produtivo” (itens 12 e 13 das atividades externas à residência realizadas na própria cidade de moradia) e as

atividades familiares no tempo de não trabalho, porém não representativas do “tempo livre”, como cozinhar. Entre as 19 atividades citadas pelos entrevistados sobre suas práticas de lazer atuais, ir ao cinema era a mais recorrente (52,6%). Dez dos 13 adultos (77%) a citaram. Ir a exposições aparece em segundo lugar, com 36,9% das citações. Foi mencionada por 7 dos 13 entrevistados (53,9%).

Este índice é significativamente maior em relação às práticas de lazer dos mesmos entrevistados em sua infância e juventude (Quadro 1). Apenas 2 entrevistados (15,4%) frequentavam exposições na infância e juventude, enquanto que 7 deles (53,9%) relataram ter esta prática em seu lazer pessoal na vida adulta, nos momentos em que não há uma programação planejada para toda a família que abarque o interesse das diferentes faixas etárias. Sabe-se que este alto índice de frequência a exposições como opção de lazer não é comum à população em geral e ressaltamos que esse hábito foi adquirido pelos adultos da amostra e incorporado às suas práticas de lazer.

Verificou-se também que ir aos museus é mais frequente para os entrevistados com os menores do que sozinhos; assim, pode-se inferir que este é um valor sobre formação de hábitos de cultura e educação das famílias. Ir a exposições com as famílias (69,2%) superou ir ao cinema (61,5%), em relação às atividades de lazer externas em geral citadas. Vide quadro a seguir:

Atividades de lazer em família citadas nos depoimentos	Nº de vezes	%*
Relacionadas à realização na residência	0	0
Relacionadas a locais externos à residência, na mesma cidade:		
1. Ir a restaurante	1	7,7
2. Praticar atividades esportivas	1	7,7
3. Ir ao clube, parque ou bosque	6	46,2
4. Ir ao <i>shopping</i>	1	7,7
5. Visitar parentes	2	15,4
6. Ir a espetáculos musicais	3	23,1
7. Ir ao cinema	8	61,5
8. Ir ao teatro	5	38,5
9. Ir a festas populares	1	7,7
10. Ir a exposições; ir ao museu	9	69,2
Relacionadas a outras cidades (viagens):		
1. Ir a propriedades rurais (sítio, chácara)	1	7,7
2. Turismo em geral	2	15,4
Outras:		
1. Ouvir música	1	7,7

Quadro 3: Atividades de lazer das famílias na época da entrevista por categoria (local de realização).

* Porcentagem calculada considerando-se as 13 atividades (100%) citadas pelos 13 adultos.

Foi verificado quem escolhe as atividades das famílias: obteve-se dos 50% respondentes a esta questão, como maior índice serem sempre os adultos (33,4%); escolhas em comum (8,3%) e “depende da atividade” (8,3%) empataram, mas foi apontado não deixarem a opção às crianças ou adolescentes (0% para esta opção).

Ainda foi indagado o motivo da opção em participar da atividade no MAC USP. Foram obtidas as respostas: busca de conhecimento sobre arte e cultura (83,3%), formação de hábito de cultura desde a infância e juventude (41,6%), poder estar com a família (33,3%),

mediação com educador do museu (25,0%), atividade prática em oficina (16,6%) e *status* (8,3%).

Por estes dados, afirma-se que os adultos visam proporcionar atividades em museus com o propósito de formação de hábito de cultura. O pai de dois meninos, um de 5 e outro de 8 anos, explicou o porquê de levá-los ao Interar-te: “Ah... a satisfação e o compromisso de proporcionar esse contato... de arte... logo no começo da vida, na infância, antes da juventude.” Para ele, a infância é momento da formação de hábitos, com os quais a família de origem pode contribuir. Sua percepção em relação ao comportamento dos adolescentes está de acordo com os dados da pesquisa. Ele observa que os adolescentes afastam-se da companhia dos pais e buscam aproximar-se dos amigos: investindo na formação dos hábitos culturais das crianças, os pais contribuem para proporcionar um repertório mais amplo de experiências aos jovens, que pode perdurar na vida adulta.

O caráter social da proposta educativa, que também tem como objetivo a integração dos membros familiares, fica evidente com os depoimentos reproduzidos abaixo. Neles, duas famílias diferentes relatam que as atividades no Museu favoreceram o estreitamento dos vínculos entre os participantes de um mesmo agrupamento familiar, assim como ampliaram o conhecimento mútuo ao promoverem situações de convivência diferentes das habituais, presentes nas rotinas nas quais estão inseridos. A possibilidade de estar em família, participando de uma atividade que envolve todos, contemplando as diferentes faixas etárias, foi o terceiro fator mais indicado na resposta ao motivo de escolha de participação da programação educativa estudada. Abaixo, o relato de entrevistados adultos de duas famílias diferentes:

Pesquisadora: Sobre o programa Interar-te, por que você escolheu proporcionar essa experiência para eles?

Adulta: Eu, quando li a proposta achei muito interessante... a questão da família... ser uma atividade que prevê a família junta porque, às vezes, é difícil conseguir um programa... ou é muito específico e direcionado pra criança, ou é pro adulto, mas tem poucas coisas que a gente encontra assim que são... pra que a família participe né. E com essa correria toda que a

gente vive, a gente cada vez tem menos tempo pra estar ali reunido, estar junto, fazer alguma coisa junto; então eu achei muito boa a ideia de uma atividade... e também porque... as crianças, pra eles tudo é divertido, é diversão, mas a participação do pai né, normalmente, principalmente... às vezes é mais difícil né, eles nem sempre se interessam, ou até querem estar junto, participar mais de alguma coisa, mas não veem como, hoje. Eu não sei, eu tenho a impressão de que, apesar de não me lembrar muito de... dos meus pais brincando exatamente comigo, estavam mais próximos. Minha mãe, principalmente né, não trabalhava... o tempo todo em casa... então, tudo que queria, precisava, qualquer interrogação que tivesse, tava ali pra responder. E hoje em dia, não. Então, tudo que é pra poder fazer junto eu procuro fazer, né, e às vezes a gente, ficando em casa, a gente fala... Ah... vou ficar em casa, vou brincar... Não, não faz! Então a gente, procurando alguma coisa desse tipo, e como estamos começando a conviver nesse meio de arte, né, eu acho que é uma coisa que é importante, que é legal que eles conheçam, que eles convivam.

Pesquisadora: Pensando agora no Interar-te, por que você quis proporcionar essa experiência para suas filhas?

Adulto: Eu penso que é fruto... pra mim, eu sempre penso que é fruto da angústia, eu não acredito que isso sirva... pra universalizar... porque cada um tem a sua história e o seu sentimento. Eu acho que, no meu caso, é sempre fruto da angústia. Fruto da angústia e da dificuldade de travar diálogos, de organizar ações... é sempre muito difícil alcançar o objetivo de um diálogo, dum convivência que termine a convivência e você fale: poxa, isso foi legal! O sentimento fica legal, o sentimento fica acomodado. Aí, a possibilidade de vivenciar o Interar-te é como vivenciar a terapia, eu acho que é uma sessão de terapia, é uma sessão de... nos encontramos. Agora não tem rota de fuga, não dá pra falar: não enche o saco vai!... Não dá pra rosnar... (risos). Ninguém rosna pra ninguém... eu acho que é uma grande possibilidade. Não é fácil parar de rosnar, não é fácil.

Para a maioria das crianças e dos adolescentes entrevistados que vai a exposições pela programação escolar, ir com a família é diferente (46,7%); destes, 85,7% prefere ir com a família do que com a escola. Para os adolescentes, estar com os colegas de classe os distrai e tira seu foco do contato com as obras, além de nesse caso seguirem uma proposta orientada pelos professores, não por eles próprios, como quando estão com familiares. Algumas crianças apontaram que o que mais lhes marcou nas participações do programa Interar-te foi não só conhecer obras, mas o ambiente e o contato com

peças diferentes, assim como Falk e Dierking (2011, p.5) ressaltam em suas pesquisas acerca da relevância dos contextos físico e social aos visitantes de museus.

Sabe-se que a programação de atividades curriculares extraclasse envolve as várias disciplinas do currículo escolar, o que restringe o número de visitas a museus de arte, quando consideramos uma cidade com possibilidade de visitas a exposições, como São Paulo, o que não é realidade para escolas de muitas cidades do interior do Estado. Sendo assim, na estimativa de uma visita ao museu de arte por ano, o que sequer é recorrente a muitas escolas paulistanas, pode-se estimar que visitas em família ampliam a possibilidade de contato com as exposições de artes visuais.

Considerações finais

O objetivo da pesquisa foi conhecer o perfil do público adulto que frequentou um museu com a família em busca de lazer, assim como o impacto dessas ações na qualidade das relações e vínculos no interior de cada família. Porém não há dúvidas de que nesse ínterim promove-se conhecimento sobre arte. Afinal, o que move o programa são as exposições em cartaz no Museu de Arte Contemporânea, instituição que abriga mostras de arte moderna e contemporânea em grande maioria de seu acervo, mas também de demais procedências (colecionadores, outras instituições públicas ou privadas, artistas, etc.).

Ao participar do programa Interar-te, além de promover esta vivência às crianças, os adultos também participam e se transformam. A convivência familiar é valorizada e estimulada, assim como a troca de opiniões, de papéis – muitas vezes adultos, crianças e adolescentes discutem seus trabalhos como colegas, como iguais, apesar de suas diferenças. Ou seja, investe-se na qualidade da experiência no museu – não só do contato com a arte, mas da relação que se estabelece entre visitantes, familiares, a equipe de educadores e demais grupos que se encontram neste espaço, que é institucional.

Para o trabalho com um público tão diverso, são utilizadas estratégias diferentes a cada sessão. No entanto, o excesso de recursos, de referências ou mesmo de atividades, é desnecessário quando substituem a experiência do contato com as obras. Reconhecemos que, bem dosados, estes elementos facilitam a contextualização e podem favorecer o conhecimento e a experiência do público com as exposições. Mas uma análise como a da Prof^a. Maria Isabel Leite, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, em relação à qualidade das propostas de atividades em museus, norteia as ações do programa Interar-te. Para a professora, que é contundente na crítica ao uso de recursos de apoio à visita de uma exposição,

Alguns museus, ao se abrirem explicitamente ao público infantil, esmeram-se em recursos quase circenses e pirotécnicos para atraí-lo. Quando se objetiva levar crianças às exposições, normalmente se cria uma atividade anterior, um “chamariz”, uma “sedução” para atrair a presa à sua jaula – teatros, danças, filmes, brincadeiras ligadas ao pintor cuja obra está exposta... Será que precisamos criar “iscas” ou “disfarces” para as crianças se interessarem pelos espaços culturais? Parece que a obra como tal não é suficientemente atrativa. Mas coloco uma questão: os fins justificam os meios? Isto é: devemos fazer teatro de fantoches, jogos etc. e atrair o público abrindo uma possibilidade de experiência estética com as obras de arte, ou permanecer firmes no princípio de que as obras, por si, devem continuar sendo o foco central e serem atrativas por elas próprias? (LEITE & OSTETTO, 2005, p.29)

É prioridade do programa, além da integração familiar, o contato de qualidade com obras de arte originais que proporcione conhecimento acerca da arte. São usadas estratégias lúdicas em algumas sessões, mas sempre dosadas para evitar que o estar no museu possa ser substituído por ações que poderiam ser feitas em qualquer outro lugar. Afinal, este é um lugar diferenciado, entre tantos outros em grandes cidades com programação cultural diversificada.

Ao inserirem crianças e adolescentes na rotina do lazer familiar, os adultos precisam considerar que estão em atividades com eles; ou seja, é importante estarem atentos e respeitarem seus ritmos, seus

interesses, procurando adaptar essa participação nos momentos em família. Ir ao museu com uma criança é diferente de ir só ou entre outros adultos. Além de que, no museu em que se pretende receber crianças e adolescentes, deve haver preparo para tal, não só com pessoal qualificado, mas com um espaço de e para o diálogo com estes públicos, o que envolve as diversas áreas de comunicação de uma instituição: do conceito curatorial aos recursos expográficos, das áreas de acolhimento e recepção às de serviços básicos (fraldário, alimentação, descanso, integração).

É importante ressaltar que a pesquisa teve como amostra, diante do recorte estudado (comparecimento às sessões do Interar-te mais de uma vez), apenas famílias de classificação econômica A e B, em sua maioria residentes próximo ao Museu, cujos adultos haviam completado o ensino superior (100%). Sabe-se, de demais pesquisas realizadas na cidade de São Paulo, que em contextos econômicos de baixa renda a escola tem fundamental importância na apresentação de programações culturais aos jovens, que pode se estender às famílias dos mais jovens aos adultos.

Deste modo, os resultados obtidos despertaram na autora questionamentos que a motivam a investigar, em Doutorado em andamento também na FE USP, a ocorrência de exposições de artes visuais, sob a responsabilidade de museus, em locais de exibição fora de suas sedes, em locais alternativos na periferia da cidade, para usufruto qualificado e acessível de mais pessoas à arte nos momentos de lazer.

Referências

BIELLA, A.A.A.S. **Famílias no museu de arte: lazer e conhecimento: um estudo sobre o programa educativo Interar-te do MAC USP**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DEWEY, J. **Art as experience**. New York: The Berkley Publishing Group, 2005.

- FALK, J.H.; DIERKING, L.D. **The Museum Experience**. Walnut Creek, CA, USA: Left Coast Press, 2011.
- GROSSMANN, M.; MARIOTTI, G. (Orgs.). **Museum art today: Museu arte hoje**. São Paulo: Hedra, 2011.
- IAVELBERG, R. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2006.
- LEITE, M.I.; OSTETTO, L.E. (Orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas: Papirus, 2005.
- PUIG, J.M.; TRILLA, J. **A pedagogia do ócio**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROMANELLI, G. **Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade**. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais/FFLCH, Universidade de São Paulo, 1986.
- SARTI, C.A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2009.